



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO: LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JACILENE GOMES DA SILVA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA E ATIVIDADES LÚDICAS COMO
PROPOSTA PARA DINAMIZAÇÃO DAS AULAS**

**CAMPINA GRANDE-PB
2014**

JACILENE GOMES DA SILVA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA E ATIVIDADES LÚDICAS COMO
PROPOSTA PARA DINAMIZAÇÃO DAS AULAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Dr. Josandra Araújo B. de Melo

CAMPINA GRANDE-PB
2014

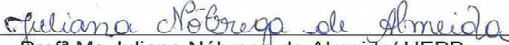
JACILENE GOMES DA SILVA


**ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA E ATIVIDADES LÚDICAS
COMO PROPOSTA PARA DINAMIZAÇÃO DAS AULAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciada em Geografia.

Aprovada em 17/07/2014.


Profª Drª Josandra Araújo Barreto de Melo/ UEPB
Orientadora


Profª Ms. Juliana Nóbrega de Almeida/ UEPB
Examinadora


Profª Ms. Suellen Silva Pereira/ UEPB
Examinadora

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

586 Silva, Jacilene Gomes da
Estágio supervisionado em geografia e atividades lúdicas
como proposta para dinamização das aulas [manuscrito] / Jacilene
Gomes da Silva. - 2014.
23 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo,
Departamento de Geografia".

1. Estágio Supervisionado 2. Ensino de Geografia 3. Ensino
Fundamental 4. Ensino Médio 5. Atividade Lúdica I. Título.
21. ed. CDD 371.225

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA E ATIVIDADES LÚDICAS COMO PROPOSTA PARA DINAMIZAÇÃO DAS AULAS

SILVA, Jacilene Gomes¹

RESUMO

O presente artigo relata as experiências vivenciadas durante a efetivação do Estágio Supervisionado em Geografia, realizado em uma turma do 7º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Sebastião, na cidade de Campina Grande-PB, no qual foi desenvolvido um Projeto de Intervenção, com a finalidade de dinamizar as aulas da disciplina de Geografia, oportunizar a aprendizagem geográfica e minimizar os problemas de déficit de atenção detectados na turma, caracterizada pela alta dispersão e grande hiperatividade. Deste modo, foram inseridas atividades lúdicas nas aulas, as quais foram desenvolvidas em forma de jogos. Os resultados foram satisfatórios, podendo-se ressaltar a importância da utilização do lúdico nas aulas, através da forma como foram desenvolvidas as atividades, bem como sua contribuição na busca por melhorias no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chaves: Geografia e ensino. Estágio Supervisionado. Projeto de Intervenção. Lúdico.

¹ Graduanda do curso Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: jacilenegomes29@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência de fundamental importância para a compreensão do espaço, do meio social, econômico, político, ambiental e todas as vertentes que desses temas convergem. No entanto, como destaca Castrogiovanni (2007) ainda é considerada por muitos alunos como uma disciplina desinteressante. Os vestígios de sua origem tradicionalista ainda refletem-se até os dias atuais nas salas de aula permanecendo, assim, a idéia de uma disciplina meramente descritiva e de memorização resultando, deste modo, na desvalorização de sua importância e grande desinteresse dos discentes.

O ensino de Geografia até bem pouco tempo apresentava um caráter descritivo e propositalmente alienante (CAVALCANTI, 1998). O conhecimento geográfico não deve restringir-se tão somente a descrições de paisagens, nomes de rios e capitais. A Geografia precisa antes de mais nada, contribuir para a formação crítica dos alunos, fazendo com que estes saibam que são cidadãos ativos na sociedade e não apenas meros reprodutores de conhecimentos prontos e acabados. É necessário que o aluno conheça a funcionalidade da disciplina estudada percebendo, assim, que a Geografia está presente na sua vida cotidiana. Para isso, é preciso romper tais estigmas, a fim de propiciar esta nova visão.

Trabalhando nesta perspectiva, é necessária a inserção de novas práticas metodológicas no ensino, com intuito de despertar o interesse do alunado. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o professor deve evitar as aulas tradicionais, utilizando recursos didáticos que estimulem os alunos.

Inúmeras vezes as práticas metodológicas utilizadas pelos docentes em sala de aula, apresentam um alto nível de dificuldade em transmitir aos alunos, de forma compreensível e prazerosa, os conteúdos da Geografia, tornando-se necessário uma renovação dessas práticas. Desta forma, as atividades lúdicas surgem como uma estratégia para dinamizar as aulas, tendo como meta a melhoria na relação ensino/aprendizagem.

Visando a renovação das práticas adotadas em sala de aula a fim de obter melhorias no processo de aprendizagem, o Estágio Supervisionado é uma importante ferramenta que proporciona uma possibilidade para que os futuros docentes conheçam o espaço escolar e vivenciem a sua realidade. Deste modo,

torna-se mais fácil refletir acerca das prováveis falhas encontradas no ensino, buscando possíveis formas de revertê-las.

O Estágio propicia o desenvolvimento de um novo olhar em relação a forma do ensino, sendo uma oportunidade primorosa de aderir novas técnicas nos recursos didáticos, as quais não se resumam somente ao uso do livro didático. É através desta experiência que a teoria estudada é posta em prática. A renovação é imprescindível, a Geografia não pode mais ser alicerçada na memorização.

Para que propiciasse a efetivação do trabalho, fez-se necessário o levantamento de literaturas voltadas para o ensino de Geografia como também para a utilização do lúdico como proposta metodológica, baseando-se principalmente em autores como Cavalcanti (1998); Antunes (2008); Passini (2010); Candau (2011); Pimenta e Lima (2011), dentre outros, bem como a experiência vivenciada durante a prática do estágio, realizada através das disciplinas Estágio Supervisionado em Geografia I e II da Universidade Estadual da Paraíba, oportunidade em que foi implementado um projeto de intervenção procurando utilizar o lúdico nas aulas de Geografia, na turma de 7º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental São Sebastião, localizada no bairro do Alto Branco, em Campina Grande, Pb.

Mediante o exposto, o presente artigo tem como objetivos: dinamizar as aulas da disciplina de Geografia; oportunizar a aprendizagem geográfica e minimizar os problemas de déficit de atenção detectados na turma, caracterizada pela alta dispersão e grande hiperatividade, por meio da utilização da abordagem lúdica do conteúdo, visando identificá-las como instrumento facilitador no processo de aprendizagem. Busca-se, com isso, verificar até que ponto a metodologia utilizada pelos docentes influencia no aprendizado dos alunos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Desafios do estágio supervisionado no ensino da Geografia

É sabido que o estágio supervisionado possui um papel fundamental na formação dos futuros docentes. É por meio desta prática, que são vivenciadas as realidades que compõem o cotidiano escolar permitindo, deste modo, que os discentes fiquem cientes das dificuldades que serão encontradas constituindo, assim, uma primorosa oportunidade de por em prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo de sua formação acadêmica. Firma-se, desta forma, uma ponte entre a teoria e a prática, conforme destaca a literatura de ensino de Geografia:

A prática de ensino e o estágio supervisionado estão presentes em todos os cursos de licenciatura, e devem ser considerados como a instrumentalização fundamental no processo de formação profissional de professores. Assim, são segmentos importantes na relação entre trabalho acadêmico e a aplicação das teorias, representando a articulação dos futuros professores com o espaço de trabalho, a escola, a sala de aula e as relações a serem construídas. (PASSINI, 2010, p. 27).

No entanto, sabe-se que existe um grande abismo entre os conhecimentos que são obtidos na academia e a realidade que o aluno realmente encontra em sala de aula. Embora haja uma enorme dedicação, muitas vezes esta realidade não permite vivenciar o ensino da melhor maneira. Os fatores que dissociam a prática do ensino da aprendizagem são inúmeras, tais como: a falta de interesse por parte de determinados alunos; a escola, que na maioria das vezes, não dispõe dos recursos necessários para tornar as aulas mais dinâmicas; limitações decorrentes da estrutura física das escolas, dentre outros.

Diante dessas dificuldades, quando os estagiários partem para a prática do ensino, passam a constatar o que afirma Candau (2011, p.56): “existe uma grande distância entre os conhecimentos adquiridos durante o curso e o que o aluno encontra na prática, sendo necessário uma revisão daquilo que é ensinado”. Logo, caberá ao professor iniciante, adequar seus conhecimentos teóricos a realidade que enfrentará.

Muito se relata que somente após a realização do estágio, o discente terá certeza ou não se desejará verdadeiramente trilhar os caminhos do magistério. De fato, o estágio pode e deve ser considerado como um importante campo no auxílio da construção do conhecimento profissional, pois é por meio dele que a identidade

docente será construída. O estágio precisa proporcionar uma contribuição significativa na formação profissional dos futuros docentes, e não reduzir-se puramente a uma exigência de cumprimento de carga horária imposta pelo componente.

O estágio precisa ser enxergado como um momento oportuno para que os estagiários reflitam acerca de como intervir futuramente, a fim de alcançar melhorias no processo de ensino/aprendizagem, e não somente uma chance de cobrir a escola com amontoados de críticas, como comumente se encontra, conforme relatam Pimenta e Lima (2011):

[...] modalidades de estágio que se restringem a apenas captar os desvios e falhas da escola, dos diretores e dos professores [...] uma vez que os estagiários lá iam somente para rotular as escolas e seus profissionais como “tradicionais” e “autoritários”, entre outras qualificações. Essa forma de estágio gerou conflitos e situações de distanciamento entre a universidade e a escola, que justamente passou a se recusar a receber estagiários, o que por vezes leva a situações extremas de secretarias de educação obrigarem suas escolas a receber estagiários. (ibidem, 2011, p. 40)

Portanto, torna-se necessário reaver estas modalidades de estágio onde a crítica sobrepõe as contribuições para a formação do novo profissional. A crítica não deixa de ser necessária, porém numa perspectiva de conduzir propostas que possam reverter ou minimizar as dificuldades com as quais os estagiários se deparam na escola, e no âmbito da Geografia escolar essas dificuldades não se excetuam das demais.

Atualmente, com a crescente expansão do campo tecnológico, onde grande parte das crianças e adolescentes tem acesso à internet, vídeo-games, celulares entre outros, a escola faz-se cada vez menos atrativa acarretando, assim, ainda mais a dispersão dos alunos. A escola precisa acompanhar este ritmo, no entanto esta é uma tarefa bastante árdua e penosa, uma vez que em certos casos a escola não dispõe nem mesmo de recursos ditos mais simples, como o próprio livro didático.

Passini (2010) alega que o bom professor é aquele que consegue trabalhar a construção do conhecimento com os alunos independentemente do espaço e da infra-estrutura que lhe sejam disponibilizados. No entanto, sabemos que há controvérsias, uma vez que em inúmeros casos, por mais que o professor se empenhe, o aluno não consegue abstrair as informações necessárias para a formação do conhecimento.

Especificamente no ensino da Geografia, é inegável que em determinados momentos, seja necessário apoiar-se em alguns recursos didáticos como os mapas, por exemplo, a fim de alcançar melhores resultados na absorção dos conteúdos. Todavia, sabe-se que tais recursos, por si só, não exercem nenhuma funcionalidade, cabendo ao professor saber como e em qual momento manuseá-los.

2.2. O lúdico como ferramenta de apoio para o ensino da Geografia

Desfazer o rótulo fixado há tempos, de que a Geografia é uma disciplina enfadonha e desnecessária, é um desafio constante para os professores. Lecionar no ensino básico nunca foi uma tarefa fácil, ainda mais no contexto atual onde, infelizmente, é crescente a valorização da quantidade de séries/anos cursados, em detrimento da qualidade do ensino e aos conhecimentos adquiridos.

Quando se trata diretamente do ensino da Geografia nas escolas, esta tarefa parece ser ainda mais complicada, uma vez que a disciplina é tratada por grande parte do alunado como secundária na aprendizagem, dispondo de menos *status* que as demais. Antes de mais nada, o aluno precisa entender que a Geografia é uma ciência de fundamental importância para compreensão dos problemas existentes na sociedade da qual ele faz parte, como cidadão ativo para, posteriormente, constatar que esse posicionamento em relação a utilidade da Geografia é um equívoco.

A Geografia é marcada por uma prática de ensino tradicional, a qual se disseminou ao longo dos anos, sendo possível encontrar seus vestígios nos dias atuais, onde comumente são encontradas aulas centradas no professor, nas quais os alunos são meros receptores de informações. “O professor cai numa voz sonora maçante para si mesmo e para os alunos e, de certa forma, incentiva a dispersão deles. Até mesmo os auxilia no papel de ouvintes desinteressados” (FREIRE; SHOR, 1986 *apud* PASSINI, 2010, p.96).

Deste modo, a falta de dinamismo e a metodologia imposta pelo professor nas aulas podem interferir no processo de aprendizagem e na motivação dos alunos, gerando ainda mais a falta de interesse pela disciplina e agravando esse problema.

Partindo do pressuposto de que os recursos didáticos e a metodologia adotada pelo professor em sala de aula interferem diretamente na participação e interesse dos alunos pelas aulas, faz-se necessário e de fundamental importância a adesão de novos recursos que invertam este quadro. Neste contexto, SILVA (2012) reforça que o professor precisa ser criativo, buscando diversificar os recursos

didáticos usados em sala, assim como revisar os procedimentos metodológicos até então adotados, uma vez que a disciplina tem grande importância na vida do estudante. Visando possibilidades que estimulem os alunos a obterem melhoras na aprendizagem, as atividades lúdicas surgem como opções de dinamização das aulas buscando, assim, torná-las mais atrativas.

Entre os estudantes do ensino básico, é grande o número daqueles que encaram a escola como um martírio a ser enfrentado somente como dever (PASSINI, 2010, p.94). Buscando descaracterizar esta visão, a inserção de atividades lúdicas nas aulas de Geografia proporciona aos alunos uma oportunidade de aprenderem de maneira prazerosa e concreta, gerando assim mais interesse e vontade de participar das aulas.

O jogo vem como um estímulo tanto para melhor compreensão do conteúdo, quanto para o crescimento e o desenvolvimento intelectual do aluno – fundamental para atingir a responsabilidade e a maturidade. É uma forma de aproximar o conteúdo aos alunos motivando-os a estudar de forma mais atrativa. [...] Estamos pensando no seu uso como recurso pedagógico, pois no jogar o aluno articula tanto a teoria quanto a prática, fazendo com que ele estude sem perceber tornando o processo de ensino/aprendizagem mais interessante e atrativo. (VERRI; ENDLICH, 2010, p.67).

É inquestionável que as brincadeiras, os jogos e o lazer são instrumentos essenciais e indispensáveis no processo de desenvolvimento humano. Desse modo, o lúdico torna-se um instrumento essencial no desenvolvimento cognitivo, social e motor de todo indivíduo desde os tempos do início de sua vida.

Nas escolas, comumente encontram-se docentes trabalhando com propostas lúdicas, no entanto isto acontece com maior frequência nos anos/séries iniciais, quando se parte para o ensino fundamental (do 5º ao 9º ano), estas práticas são abandonadas. A transição do ensino infantil para o fundamental é um momento de ruptura, onde em muitos casos as crianças adentram nesse novo ciclo com uma visão negativa da nova proposta de ensino que é encontrada.

Contudo, sabe-se que a inserção de atividades lúdicas nas aulas não é uma tarefa fácil, especialmente pelo fato da crença equivocada de que o lúdico e a seriedade se encontram em lados opostos. O lúdico apresenta características ligadas ao prazer, ao divertimento, o que acaba acarretando em sua negação por parte de muitos professores, como afirma Marcellino (2008):

[...] dificuldade de falar sobre o lúdico, uma vez que esse assunto não é considerado coisa séria. Essa dificuldade é muito maior quando se aborda a questão da sala de aula, onde o lúdico e a

seriedade são colocados em lados opostos. Alguns professores têm receio de manter um relacionamento menos formal com os alunos, pois acreditam que a seriedade “impõe respeito” (ibidem, p.63).

Porém, vale salientar que é imprescindível o bom senso ao aderir a utilização de atividades lúdicas durante as aulas, tais recursos precisam ser enxergados como uma proposta que venha instigar e recuperar o interesse do aluno, é necessário que o professor esteja ciente do seu papel de articulador do conteúdo da aula com o jogo proposto, não deixando o alunado a mercê do jogar por jogar, conforme destaca a literatura:

As tentativas de adaptação de características lúdicas na prática educativa em sala de aula têm sido marcadas por uma série de equívocos. Um deles é que se confunde a orientação e motivação, com um simples “deixar fazer”. [...] O professor, reduzido a mero espectador, deixa de assumir o seu papel de educador, disfarçando um certo comodismo. Como se o processo de aprendizagem acontecesse espontaneamente, não exigindo trabalho, dedicação e orientação. (MARCELLINO, 2008, p.64)

É necessário que as atividades lúdicas sejam bem planejadas, como também adaptadas a realidade e, sobretudo, aos conteúdos trabalhados para, assim, desmistificar a ideia fixa do lúdico ligado ao descomprometimento com a seriedade. O lúdico abrange muito além do que o simples brincar, envolve uma série de aprendizagens que proporcionam que os alunos interajam entre si e desenvolvam suas criatividade de maneira prazerosa.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Situando a pesquisa

Durante a efetivação da disciplina Estágio Supervisionado em Geografia I, realizada no ano de 2012, foi proposto pela docente responsável, que os estagiários detectassem um problema no processo ensino-aprendizagem existente na turma trabalhada, a partir do qual fosse possível cogitar uma solução a fim de minimizá-lo e, ao partir para o estágio de regência, fosse elaborado um projeto de intervenção que possibilitasse o cumprimento de tal meta, cabendo ao estagiário criar as possibilidades e, assim, idealizar a proposta.

A turma aqui mencionada corresponde a uma turma do 7º ano, onde a faixa etária do alunado variava dos doze aos quatorze anos. Durante o processo de observação, a turma mostrou-se totalmente hiperativa e um considerável déficit de atenção, questões estas que se traduziam em pouquíssima participação e desinteresse nas aulas, onde em certos momentos se tornava uma bagunça generalizada, impossibilitando o professor titular executar o seu trabalho.

Mediante tais constatações, ficou notório que a turma precisava de uma didática que a mantivesse maior parte do tempo ocupada. De forma pertinente, fez-se necessário a utilização de metodologias mais dinâmicas associadas ao uso de diversos recursos, que permitissem aos alunos a possibilidade de participarem do desenvolvimento das aulas.

Então, seguindo o proposto, o projeto de intervenção teve como principal objetivo a introdução de atividades lúdicas nas aulas de Geografia, a fim de conquistar a atenção, interesse e participação dos alunos nas aulas durante o estágio.

3.2. Recorte espacial de análise

O estágio supervisionado foi realizado na cidade de Campina Grande –PB, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio São Sebastião, situada na rua Estelita Cruz, 307, bairro Alto Branco (Figura 1):

Figura 1: Localização da Escola



Fonte: <http://maps.google.com.br/maps>

A estrutura física da escola tem em sua composição doze salas de aula em boas condições de estruturação, uma sala de diretoria, uma sala de secretaria, outra sala destinada ao grupo de docentes, sala de vídeo, biblioteca e laboratório de informática. A escola possui uma cantina e um pátio, onde podem-se realizar atividades recreativas, onde o alunado se utiliza deste mesmo espaço para a realização de suas refeições e lanches, não havendo assim um recinto específico para isto.

Das doze salas de aula que compõem a estrutura da escola, no período matutino, todas são utilizadas, porém cinco salas são reservadas para o 6º ano, quatro salas para o 7º ano e três salas para o 8º ano do ensino fundamental II, estando a escola neste período, tutelando apenas esse nível de ensino. Já no período da tarde, as aulas vão do 8º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, sendo distribuídas da seguinte forma: uma sala para o 8º ano, quatro salas para o 9º ano, três salas para o 1º ano do ensino médio, duas salas para o 2º ano e duas salas destinadas ao 3º ano do ensino médio. No turno da noite, nas turmas do 5º ano ao 8º ano do ensino fundamental, funciona na escola o EJA (Educação de Jovens e Adultos), sendo distribuídas uma sala para cada turma e o ensino médio.

As salas de aula têm aproximadamente 6m², e possuem o quadro dividido em negro e branco tornando, assim, possível a substituição do giz pelo pincel, melhorando as condições de trabalho do professor. No que diz respeito ao quadro

de funcionários da escola, existem no turno da manhã um total de doze funcionários gerais, doze funcionários também no turno da tarde, e quatorze funcionários no período noturno. Como a escola não disponibiliza de estacionamento para seus funcionários e corpo docente, nem um ginásio esportivo para o alunado, estes utilizam o estacionamento e o ginásio do Seminário Diocesano São João Maria Vianney, que é vizinho da escola.

Como já mencionado, a turma em que foi desenvolvido o projeto de intervenção correspondeu ao 7º ano do Ensino Fundamental II, composta por 27 alunos onde doze eram do sexo masculino e quinze do sexo feminino, e faixa etária variando dos doze aos quatorze anos de idade.

3.3 Principais técnicas utilizadas nas aulas

Tendo objetivos bem definidos, as atividades lúdicas proporcionam um grande apoio didático, capaz de ser trabalhado na construção e aprendizagem de inúmeros conceitos geográficos.

As atividades efetuadas foram pensadas e planejadas de acordo com os temas a serem abordados em cada aula. Desta forma, as ideias se materializaram na forma das seguintes atividades:

- Jogo da forca;
- Palavras cruzadas;
- Quebra cabeça;
- Construção de mapas;
- Bingo;

Com o intuito de atrair a atenção do alunado e, por conseguinte, facilitar a assimilação dos conteúdos por parte dos mesmos, foram selecionadas atividades nas quais os alunos tivessem a oportunidade de expressar suas habilidades e conhecimentos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na contemporaneidade, sabe-se que conseguir despertar o interesse dos alunos pelas aulas é uma tarefa difícil de ser conquistada. Desta forma, a inserção de atividades lúdicas nas aulas de Geografia, se bem trabalhadas, se traduzem em uma eficiente tática de atrair o interesse e a participação dos alunos pela aula, capaz de tornar a disciplina mais atraente. De acordo com Antunes:

O jogo ganha um espaço como a ferramenta ideal da aprendizagem, na medida que propõe estímulo ao interesse do aluno [...] o jogo ajuda-o a construir suas novas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva o professor a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem (ANTUNES, 2008, p.36).

Com este propósito, foi realizado durante a efetivação do Estágio Supervisionado, aulas voltadas para a utilização de atividades lúdicas, pois como salienta Passini (2010, p. 120) “com os jogos, os alunos utilizam o pensamento lógico, trabalham as ferramentas da inteligência, constroem habilidades motoras, domínio de espaço e, principalmente, são sujeitos ativos, saindo da passividade”.

Existem inúmeras alternativas que possibilitam a utilização do lúdico nas aulas de Geografia, porém é preciso salientar que tais atividades devem estar intimamente relacionadas ao conteúdo abordado. “O professor deve usar sua inventividade para criar seus próprios jogos, de acordo com os objetivos de ensino-aprendizagem, que tenha em vista e de forma a adequá-los ao conteúdo a ser estudado.” (HAIDT *apud* PASSINI, 2010, p.103).

Assim sendo, as atividades lúdicas trabalhadas durante o Estágio Supervisionado, foram planejadas para serem realizadas mediante a abordagem do tema Regionalização do Brasil, com ênfase na Região Nordeste.

Inicialmente, a fim de despertar a curiosidade do alunado em descobrir o novo tema que iria estudar, foi proposta a brincadeira da força, onde os alunos dispostos em grupos tinham que desvendar a palavra referente ao tema, no caso, Regionalização. Na lousa, foi exposto o desenho da força, juntamente com a quantidade de traços, corresponde ao número de letras que compõem a palavra Regionalização, e solicitado que os alunos, em ordem, escolhem uma letra e assim sucessivamente, a fim de formar palavra. De modo geral, foi perceptível a interação entre os alunos, onde todos exprimiram o desejo e interesse de participar

da aula, confirmando assim o que afirma Marcellino (2008, p. 65) “não tenho dúvidas que o trabalho em sala de aula poderá se beneficiar da espontaneidade na escolha dos temas e do caráter lúdico como forma de abordagem”.

Habitualmente, alguns professores utilizam os mapas como recursos metodológicos nas aulas de Geografia, entretanto, são utilizados os mapas prontos. Com o intuito de que os alunos participassem ativamente da aula, foi desenvolvido em um isopor o desenho do mapa do Brasil, porém apenas com sua forma dimensional, com os recortes correspondentes a cada região brasileira feito a parte, formando, assim, uma espécie de quebra cabeça do Brasil. À medida que era explanado o assunto, era solicitado aos alunos que cada um colocasse o recorte de cada região em seu lugar correspondente, de forma que, por fim, os próprios alunos foram os responsáveis pela montagem do mapa.

No decorrer desta atividade, os alunos mostraram-se totalmente envolvidos, especialmente ao se trabalhar no Nordeste, onde cada Estado que compõe a região também foi colado no mapa, despertando, assim, o anseio em conhecer mais a respeito da região em que vivem. Estes resultados confirmam o que afirma Rupel (2009):

Quando o trabalho é desenvolvido com atividades que despertam o interesse e motivam nossos alunos a aprender, a aula torna-se mais prazerosa tanto para o desenvolvimento do trabalho do professor, quanto para os educandos, facilitando o ensino-aprendizagem dos conteúdos específicos de Geografia.”(ibidem, p. 8).

Outra atividade realizada com a turma, que gerou interesse na mesma proporção que a anterior, foi a montagem de quebra cabeças correspondentes as principais formações vegetais encontradas na Região Nordeste, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Mata dos Cocais e Vegetação Litorânea/Mangues. Após apresentado e o tema, a turma foi dividida em grupos, onde cada grupo ficou responsável pela montagem de um quebra cabeça. Depois de montado, era necessário identificar a vegetação atribuída a cada equipe. Pode-se dizer que esta foi uma atividade muito produtiva, de modo que, ao término das montagens, os alunos solicitaram que os grupos trocassem o material, para que assim todos pudessem trabalhar com cada uma das formações vegetais.

Ao passo que estas atividades eram desenvolvidas, era perceptível a empolgação dos alunos e o desejo de participação das aulas corroborando, assim, com o pensamento de Rupel ao afirmar que “através da utilização do lúdico na

educação, vários objetivos podem ser atingidos, como o desenvolvimento do raciocínio, do pensamento crítico, da criatividade, e da formação de indivíduos pró-ativos” (RUPEL, 2009, p. 8).

Dando prosseguimento a implementação das ideias presentes no Projeto de Intervenção, ao ser trabalhado com os alunos o conteúdo das mesorregiões da Paraíba, foi desenvolvida uma atividade onde os alunos trabalharam em duplas. Foi entregue a cada dupla duas questões, onde a primeira constava de um mapa paraibano, no qual teriam que pintar e identificar cada mesorregião. A segunda questão correspondia à resolução de palavras cruzadas, com base no conteúdo estudado. Trabalhar com palavras cruzadas na aula favoreceu a melhor assimilação dos conteúdos por parte do alunado.

Em matéria publicada no site Canal do Educador, a educadora Amélia Hamze afirma:

A utilização das palavras cruzadas em sala de aula tem por finalidade desenvolver entre outras habilidades a de estimular a memória [...] O recurso de se usar esse suporte pedagógico em sala de aula de modo lúdico, colabora para desenvolver nos estudantes escrever e compreender o sentido das palavras e sua ortografia. A palavra cruzada tem vários subsídios importantes que colaboram no desenvolvimento do pensamento e da linguagem, além da ortografia e questões semânticas. O uso desse jogo nas escolas, também favorece e provoca o estímulo cognitivo, assim como, auxilia na compreensão e coordenação e na aprendizagem (HAMZE, 2009).

De fato, a utilização de palavras cruzadas na aula, propiciou ao alunado o desenvolvimento de diversas habilidades. Eles interagiram, questionaram e, sobretudo, demonstraram veemência em aprender. “O brincar é um meio através do qual as crianças pesquisam, exploram e elaboram conteúdos rumo à aprendizagem” (MOYLES, 2002, p.117).

Como já exposto, o principal objetivo da implementação do Projeto de Intervenção era o de despertar o interesse e a participação dos alunos na aula, de forma que a utilização de atividades lúdicas viabilizasse a aprendizagem dos mesmos e, principalmente ajudasse na absorção dos conteúdos, conforme destaca a literatura:

O jogo possibilita aos alunos que se posicionem de maneira crítica, responsável e construtiva na aquisição, na compreensão do seu aprendizado, dos seus problemas e do seu papel, enquanto alunos, no sentido de ter responsabilidades sobre seu próprio saber [...] possibilita desenvolverem novas habilidades, novas percepções, elevando seus conhecimentos e seus interesses, entretendo e

oportunizando uma maior aquisição de conhecimento (VERRI; ENDLICH, 2009, p. 70)

Então, a fim de avaliar o grau de aprendizagem dos alunos a respeito dos blocos de conteúdos trabalhados durante o Estágio Supervisionado, foi executada uma atividade onde os alunos pudessem manifestar seus aprendizados, também de forma lúdica. Tal atividade correspondia a um bingo geográfico, o qual foi trabalhado da seguinte maneira: com base em todo conteúdo estudado, foram elaboradas vinte e quatro questões e suas respectivas respostas, onde apenas as respostas foram expostas na lousa. Cada aluno recebeu uma cartela em branco,(Figura 5) e foi orientado a escolher dentre as vinte e quatro, dezesseis respostas a critério próprio para preencher as cartelas. Após preenchidas, deu-se início ao sorteio das perguntas, de modo que o aluno que tivesse incluído em sua cartela a resposta correspondente da pergunta sorteada, assinalaria esta na cartela e, assim sucessivamente, até surgir o “ganhador”.

Com a adesão do bingo geográfico na aula, pode-se afirmar que os resultados obtidos em relação aos conhecimentos adquiridos pelos alunos foram surpreendentes, pois raramente surgiam incertezas em relação à resposta correta. Sem dúvidas, esta foi a atividade em que os alunos mostraram-se mais envolvidos, participativos e motivados. Porém, em determinados momentos, houve muita conversa entre eles, o que acabou gerando certa desordem. Todavia, vale salientar que as conversas eram referentes aos conteúdos das aulas, onde os alunos questionavam entre si qual seria a resposta correta. De maneira geral, o bingo geográfico surtiu o efeito desejado, onde foi possível avaliar o nível de aprendizagem dos estudantes que pode ser considerado satisfatório.

Antunes (2008, p.15) afirma que jogos valiosos são os que despertam interesse e envolvem progressos expressivos no desempenho dos participantes. Por este viés, é possível ponderar que a inserção de jogos em sala de aula, se utilizado como um aparato pedagógico rigorosamente planejado, torna-se um grande auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que aguça o interesse e a participação do alunado, acarretando assim, em uma aula onde os alunos abandonam o papel de sujeitos passivos, tornando-se sujeitos construtivos, participativos e pensantes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

São inúmeros os desafios encontrados pelos docentes em sala de aula, e bastante árduo o processo de ensino aprendizagem, especialmente quando se trata do ensino público do Brasil. No âmbito da Geografia escolar, tais problemas aparecem talvez até em uma escala maior, uma vez que é uma disciplina ainda enxergada, por muitos, como enfadonha e desinteressante. O ensino encontrado na maioria das escolas é pautado no professor como o cerne do conhecimento, onde os alunos são meros receptores de informações. Reverter este quadro não é uma tarefa fácil. Para que isto ocorra, o professor precisa ser inovador, buscando introduzir recursos em suas aulas, que motivem os alunos.

A utilização de jogos aplicados ao ensino de Geografia mostrou ser uma ótima alternativa para despertar o interesse e participação do alunado. Se bem planejadas e com propósitos bem definidos as atividades lúdicas contribuem para construção do conhecimento, tornando os alunos seres pensantes, longe da passividade.

Ao trabalhar as ideias presentes no Projeto de Intervenção com a turma, constatou-se uma expressiva melhora no desempenho dos alunos, onde eles interagem, discutiam e, sobretudo, revelavam grande anseio em aprender. Contudo, é importante mencionar que é necessário muita cautela ao adotar o uso de jogos nas aulas, o jogo precisa ser usado como uma proposta que instigue os alunos, não podendo ser confundido com um simples 'deixar rolar', o professor não deve eximir-se jamais do seu papel de mediador do conhecimento.

Na perspectiva de dinamizar as aulas de Geografia, tornando-as assim mais atrativas, as atividades lúdicas trabalhadas durante o Estágio Supervisionado possibilitaram uma maior interação entre os alunos, contribuíram para melhor assimilação dos conteúdos, facilitando, assim, a construção do conhecimento. Desta forma, pode-se afirmar que a metodologia adotada pelo professor em sala de aula influencia diretamente no interesse e aprendizado dos alunos. A adesão do lúdico na turma que outrora era caracterizada pela dispersão e desinteresse dos alunos foi, sem dúvida, uma peça fundamental para despertar o interesse e um ótimo auxiliar na aquisição dos conhecimentos.

Desta forma, pode-se afirmar que mesmo diante das dificuldades encontradas pelo professor, em especial aqueles da rede pública, é possível fazer algum tipo de

trabalho que motive os alunos. O lúdico revelou-se uma alternativa favorável para se trabalhar em sala de aula, uma vez que o resultado de sua adesão foi absolutamente positivo.

Assim, o Estágio Supervisionado mostrou-se de fundamental importância na formação docente, pois é através do mesmo que é construído o verdadeiro conhecimento acerca da realidade escolar, capaz de desenvolver nos estagiários uma análise crítica e reflexiva, sobretudo na maneira de planejar e executar uma aula atrativa, em ordem de apresentar um bom resultado, mesmo diante das dificuldades com as quais se deparam.

ABSTRACT

This article tells of the experiences during the realization of Supervised Internship in Geography, carried out in a class of the 7th year of the public School of Elementary and High Schools are Sebastian, in the city of Campina Grande, PB, In which it was developed an Intervention Project, with the aim of boosting the lessons of the discipline of Geography, classrooms geographical learning and minimize the problems of attention deficit detected in the class Characterized by high dispersion and large hyperactivity. The results were satisfactory, but it may be worth pointing out the importance of the use of recreational activities in the classroom by the way were developed activities, as well as their contribution to the search for improvements in teaching-learning process.

Key-words: Geography and education. Supervised Internship. Intervention Project. Playful.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Jogos para estimulação das múltiplas inteligências**. 15ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 295 p.

BORBA, O. F. et al. **O ensino de geografia mediado por atividades lúdicas: uma experiência no processo de formação de professores**. Disponível em: <<http://www.ceped.ueg.br/anais/vedipefinal/pdf/gt07/co%20grafica/Odiones%20de%20Fatima%20Borba.pdf>> Acesso em: 9 abr. 2014

CANAL DO EDUCADOR. **Uso de palavras cruzadas em sala de aula**. Disponível em: <<http://educador.brasilescola.com/trabalho-docente/palavras-cruzadas.htm>> Acesso em 7 abr. 2014

CANDAU, V. M (org) **Rumo a uma nova didática**. 21.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 205 p.

CARDOSO, L; PAIM, I.A. **Show da geografia: uma proposta lúdica para o ensino em geografia**. 2012. Disponível em: <<http://jne.unifra.br/artigos/4961.pdf>> Acesso em: 9 abr. 2014

CARLOS, A. F. A. (org). **A geografia na sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2010. 144 p.

CASTROGIOVANNI, A. C. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C; KAECHER, N. A. Geografia. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 16. ed. São Paulo: PAPIRUS, 1998.

FREITAS, E.S; SALVI, R. F. **A ludicidade e a aprendizagem significativa voltada para o ensino da geografia**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/89-4.pdf>> Acesso em: 9 abr. 2014

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: Questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008. 217 p.

MARCELLINO, N. C. A sala de aula como espaço para o “jogo do saber”. In: MORAIS, R. (org.). **Sala de aula: Que espaço é esse?** 21.ed. São Paulo: PAPIRUS, 2008. p 59 – 70

MOYLES, J. R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 199 p.

MOYLES, J. R. et al. **A excelência do brincar: A importância da brincadeira na transição entre educação infantil e anos iniciais.** Porto Alegre: Artmed, 2006. 248 p.

PASSINI, E. Y. (org) **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010. 224 p.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 200 p.

PIMENTA, S. G; LIMA, M.S.L. **Estágio e docência.** 6.ed. São Paulo: Cortez, 2011. 296 p.

PIMENTA, S. G ; GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 7.ed. São Paulo: Cortez, 2012. 261 p.

PONTUSCHKA, N. N ; OLIVEIRA, A.U . **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa.** 3.ed. São Paulo: Contexto, 2010. 383 p.

PORTAL MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em 9 abr. 2014

REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. **Geografia: Práticas pedagógicas para o ensino médio.** Porto Alegre: Artmed, 2007. 152 p.

RUPEL, M. A. P. **Atividades lúdicas: Proposições metodológicas para o ensino de geografia escolar.** 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1634-8.pdf>> Acesso em: 9 abr. 2014

SILVA, L. M. A; RODRIGUES, G.; KONSTAND, A. **Atividades lúdicas no ensino de geografia: Experiências no estágio supervisionado.** In: AYRES, A. C. M. et al. **Articulando a universidade e a escola básica no leste fluminense.** Rio de Janeiro: Hp Comunicação, 2010. p.97-105.

SILVA, M. S. F.; SILVA, E.G. Um olhar a partir da utilização de dinâmicas como ferramenta para o ensino da geografia escolar. **Caminhos de Geografia.** Uberlândia: v.13, n.44, p. 128-139, 2012

SILVA, R.O.; CAPISTRANO, R. P.; GONÇALVES, F. E. **Dinamização da prática pedagógica no ensino de geografia.** 2010. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/569>> Acesso em: 7 abr. 2014

VEIGA, I.P.A (org). **Técnicas de ensino**: Por que não? 18. ed. Campinas,SP: Papyrus, 1991. 149 p.

VERRI, J.B; ENDLICH, A.M. A utilização de jogos aplicados no ensino de Geografia. [Editorial]. **Percurso**, v.1, n.1, p. 65-83, 2009.

VESENTINI, J.W (org). **O ensino da Geografia no século XXI**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004. 288 p.